Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"
24 a 25 de setembro de 2020

Volume XIV, n. 13, set. 2020
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

EIXO 13 - EDUCAÇÃO E ENSINO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS. ESTUDOS DA LINGUAGEM.

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**
DOI: http://dx.doi.org/10.29380/2020.14.13.27
Recebido em: **09/08/2020**
Aprovado em: **18/08/2020**

A REPRESENTAÇÃO FEMININA NAS OBRAS ALENCARIANAS: DIVA, LUCÍOLA E SENHORA. FEMALE REPRESENTATION IN ALENCARIAN WORKS: DIVA, LUCÍOLA AND LADY. REPRESENTACIÓN FEMENINA EN OBRAS ALENCARIAS: DIVA, LUCÍOLA Y SEÑORA.

JETICA SANTANA PAIVA
HTTPS://ORCID.ORG/0000-0002-5831-3267

MATHEUS LUAMM SANTOS FORMIGA BISPO
https://orcid.org/0000-0002-1421-0936

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar a forma como a mulher era representada nos romances do século XIX, escritos por José de Alencar, respectivamente em sua trilogia (Diva, Lucíola e Senhora). A problemática que norteia essa pesquisa refere-se à concepção histórica sobre a trajetória da mulher, tendo como base os romances acima mencionados. Iniciando da hipótese de que a idealização feminina nos textos canônicos foram produzidos de acordo com padrões culturais da época ditados pelo conservadorismo e patriarcalismo. A literatura de autoria feminina surge para retratar a vivencia da mulher por intermédio da sua própria percepção, uma vez que a mulher começa a mudar sua posição na sociedade, desconstruindo uma visão tradicional canônica. O texto foi fundamentado nos princípios de Aguiar (1995) Cândido (2006), Jacome (2008), Lispector (1969), Proença Filho (2012), Rossini (2014) e Sommer (1991).

ABSTRACT This article aims to analyze the way women were represented in 19th century novels, written by José de Alencar, respectively in his trilogy (Diva, Lucíola and Senhora). The problem that guides this research refers to the historical conception of the woman's trajectory, based on the novels mentioned above. Starting from the hypothesis that female idealization in canonical texts was produced according to the cultural standards of the time dictated by conservatism and patriarchy. The female authored literature appears to portray the woman's experience through her own perception, once the woman begins to change her position in society, deconstructing a traditional canonical view. The text was based on the principles of Aguiar (1995) Cândido (2006), Jacome (2008), Lispector (1969), Proença Filho (2012), Rossini (2014) and Sommer (1991).

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar la forma en que las mujeres fueron representadas en las novelas del siglo XIX, escritas por José de Alencar, respectivamente en su trilogía (Diva, Lucíola y Senhora). El problema que guía esta investigación se refiere a la concepción histórica de la trayectoria de la mujer, basada en las novelas mencionadas anteriormente. Partiendo de la hipótesis de que la idealización femenina en los textos canónicos se produjo de acuerdo con los estándares culturales de la época dictados por el conservadurismo y el patriarcado. La literatura de autor femenina parece retratar la experiencia de la mujer a través de su propia percepción, una vez que la mujer comienza a cambiar su posición en la sociedad, deconstruyendo una visión canónica tradicional. El texto se basó en los principios de Aguiar (1995) Cândido (2006), Jacome (2008), Lispector (1969), Proença Filho (2012), Rossini (2014) y Sommer (1991).

1 INTRODUÇÃO

A literatura é uma expressão artística e cultural que consegue refletir a vivência e organização da sociedade, através dela podemos analisar e questionar transformações sociais, histórico ou época. Homens e mulheres ao longo das transformações sociais que a sociedade passou exerceram funções distintas no contexto social, as diferenças de gêneros são notáveis, sobretudo a condição de inferioridade que a figura feminina era submetida no convívio coletivo, bem como na literatura. Estudando sobre isso, este trabalho tem por objetivo propor uma análise acerca da representação feminina nos textos literários alencarianos (Diva, Senhora e Lucíola) e entender como a literatura de autoria feminina e o movimento feminista contribuíram para romper à perspectiva tradicional posta pelo cânone, Rossini (2014).

Este trabalho trata-se uma pesquisa bibliográfica, que foi fundamentada nos princípios de Aguiar (1995) Cândido (2006), Jacome (2008), Lispector (1969), Proença Filho (2012), Rossini (2014) e Sommer (1991). A problemática que norteia essa pesquisa refere-se à concepção histórica sobre a tragetória da mulher, tendo como base os romances acima mencionados. Partindo da hipótese de que a idealozaçãofeminina nos textos canônicas foram produzidas de acordo com padrões culturais da época ditados pelo conservadorismo e patriarcalismo. Além disso, a análise será feita a partir de como esse aoutor apresenta a figura da mulher traçando um contraponto com sua biografia.

A mulher na literatura é abordada por um viés que revela uma face excludente da nossa história, o que ainda perdura na sociedade do século XXI, Jacome (2008) ressalta que, por muito tempo a mulher foi tratada como um sujeito dependente de uma figura masculina, primeiro o pai, depois do irmão e por último do marido, ou seja, o patriarcalismo e conservadorismo determinava que essa deveria ser servil ao homem, não podendo opinar socialmente, nem na política, economia, educação, saúde e segurança.

Através dos escritos literários pode-se investigar um passado que marca a trajetória da mulher que trazem consigo marcas de um passado difícil. A posição de inferioridade imposta ao sexo feminino pela cultura patriarcalista não era exclusivo apenas ao imaginário de alguns autores, como foi o caso de José de Alencar, que expressou esse discurso em uma de suas principais trilogia, perfis de mulheres.

O modelo patriarcal sempre serviu de base para a organização familiar, corroborando com a diferenciação entre o homem e mulher, pondo-o como um ser superior, ela a posição de obediência ao varonil e o papel de procriar, cuidar da casa, marido e dos filhos, ou seja, exercer a função de esposa virtuosa e mãe dedicada. A idealização feminina de modelo de "boa" esposa e mãe esteve fortemente ligado ao imaginário da sociedade e era reforçado nas narrativas literárias. Exemplo disso era as qualidades como- docilidade, meiguice, passividade, submissão, amor exacerbado pelo homem que os autores usavam para propagar um discurso conservador e machista.

> Era alta e esbelta Tinha um desses talhes flexíveis e lançados, que são hastes de lírio para o rosto gentil; porém na mesma delicadeza do porte esculpiam-se os contornos mais graciosos com firme nitidez das linhas e uma deliciosa suavidade nos relevo. (ALENCAR, 1862, p. 03)

O homem procurava para o matrimônio uma mulher bela e inteligente, mas apenas dentro do ambiente doméstico, ela não poderia expor diante da sociedade suas qualidades como mulher dona de si, logo após o casamento, as qualidades que eles mesmos procuravam eram censuradas dentro do convívio familiar, a companheira escolhida deveria ser vista por todos como uma dama ou senhora. O Romantismo foi a escola literária que à mulher foi origem e refencia fundamental pára muitas produções literárias, exercendo papéis de mocinhas, frageis e depentes amorosamente de um varonil,

ou da sua família, as personagens românticas passaram por diversas fase: de sers intocáveis e que homem nutria uma paixão platônica, a mulher era

pura, um ser divino, a sexualidade era um tabu, reprimida pelos escritores, mas idealizadas pelo sexo masculino, na última geração romântica o desejo carnal é concretizado, mas a mulher ainda nãose torna livre das amarras impostas pelo conservadorismo.

No sistema patriarcal o domínio masculino evidenciou-se pelas relações de dominação, controle e soberania, o homem sempre pertencente ao convívio social e contexto público, a mulher ficou na incumbência dos afazeres do lar, restrita ao recinto privado, tal padrão de organização familiar restringiu o papel feminino ao masculino. A Igreja Católica, segundo Jacome (2008), também participou na idealização da imagem de mulher como "sexo frágil", dependente e submissa, propagando o discurso que o ideal para o casamento era o de amar e respeitar o marido em todas as situações da vida a dois, aquela que não seguisse os primórdios da igreja não era digna socialmente e religiosamente.

A vinda da família real ao Brasil, em 1808, trouxe uma grande mudança no cotidiano da cidade do Rio de Janeiro. Um intenso processo de urbanização foi instaurado. No campo político, econômico e social não foi diferente, profundas transformações aconteceram. Com isso, à mulher passa a frequentar festas, bailes, começa a sair de casa, aumentando seu convívio social com muitas ressalvas, mas ainda não tinha o direito de estudar. Apesar das mudanças que ocorriam, as mulheres ainda foram mantidas alheias a elas.

Há anos raiou no céu fluminense uma nova estrela. Desde o momento de sua ascensão ninguém lhe disputou o cetro; foi proclamada a rainha dos salões. Tornou-se a deusa dos bailes; a musa dos poetas e o ídolo dos noivos em disponibilidade. Era rica e formosa. [...] Quem não se recorda da Aurélia Camargo, que atravessou o firmamento da Corte como brilhante meteoro, e apagou-se de repente no meio do deslumbramento que produzira o seu -fulgor? Tinha ela dezoito anos quando apareceu a primeira vez na sociedade [..] (ALENCAR, 1875, p. 01)

Quanto a posição da mulher pobre, essa era de luta pela sobrevivência, eram alforriadas, analfabetas e viúvas que sobreviviam do artesanato e comércio, ocupavam espaço público com ressalvas e olhares discriminatórios por não estarem em companhia de um homem, não tinham reconhecimento, eram invisíveis à organização social.

2 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NAS NARRATIVAS ROMANTICAS

O trabalho está dividido em duas seções: o primeiro momento "A construção da identidade feminina nas narrativas românticas" situa sobre a forma é construído o papel das personagens femininas nas narrativas românticas de Alencar, "perfis de mulher", através de uma

visão lírica, nas quais relatam a vida de moças do XIX, burguesas e brancas. Em alguns momentos, representa um lado "sombrio" revelando o orgulhoso e vingativo, em outros o lado romântico a procura de seu príncipe numa sociedade onde o dinheiro e o status sociais eram muito valorizados. Candido (2006) ressalta o seguinte:

Se, pensando nisto, atentarmos para a composição de Senhora, veremos que repousa numa espécie de longa e complicada transação, [...] no correr da qual a posição dos cônjuges se vai alterando. Vemos que o comportamento do protagonista exprime, em cada episódio, uma obsessão com o ato de

compra a que se submeteu, e que as relações humanas se deterioram por causa dos motivos econômicos [..] E as próprias imagens do estilo manifestam a mineralização da personalidade, toca pela desumanização capitalista, até que a dialética romântica do amor recupere a sua normalidade convencional. (CANDIDO, 2006, p. 16)

Na segunda seção intitulada "A literatura de autoria feminina: desmistificar o conceito 'mulher' representado nas obras literárias" aborda aspectos da trajetória feminista ao longo do tempo. Destacamos a luta das mulheres por seus direitos como igualdade de gênero, a fim de participar ativamente na sociedade sem ter que submeter aos processos de mando, discriminação e exclusão.

Em alguns trechos das obras, nota-se que José de Alencar chama a atenção para a força feminina, no entanto observamos que existe um tipo de contradição/sarcasmo se considerarmos o período de criação das obras. Esses traços de ironia verificam-se, por exemplo, a partir da análise da protagonista na obra "Senhora" (1875), uma mulher com atributos à frente de sua época, uma mistura de moça má e boa, anjo e demônio, bela e sensual.

O autor também alerta o leitor para a importância do dinheiro quando retrata a questão do dote para realização do casamento, o papel em que a mulher era submetida sendo pretendida ou não amor dependo da sua situação financeira. A dimensão que o dinheiro tem perante a sociedade, o valor que é dado a ele e o poder de mudar os indivíduos de acordo com suas posses, tendo como exemplos a mudança de posição da mulher e do homem nas obras "Lucíola" (1862) e "Senhora" (1875). A assertiva é reforçada por Candido (2006) ao analisar a obra "Senhora"

[..] além disso, o próprio assunto repousa sobre condições sociais que é preciso compreender e indicar, a fim de penetrar no significado. Trata-se da compra de um marido; e teremos dado uma passo adiante se refletirmos que essa compra tem um sentido social simbólico, pois é ao mesmo tempo representação e desmascaramento de costumes vigentes na época, como o casamento por dinheiro. Ao inventar a situação crua que e vende em contrato, mediante pagamento estipulado, o romancista denuda as raízes da relação [...](CÃNDIDO, 2006, p. 14).

O cânone representa a idealização de modelos da escrita definidos, principalmente por grupos específicos: gênero masculino e economicamente privilegiados. O problema da falta de reconhecimento gera, portanto, a exclusão da autoria feminina que tinha a necessidade de fala da mulher pela ótica feminina, como expõe (JACOME, 2008, p. 11) "a escrita de punho feminino, principalmente a ficçao, representou, em princípio, uma transgressão aos padrões culturais, ou simplesmente dos padrões patriarcais. Dessa forma, escrever significou trancender o sexo".

2.1 SENHORA

Um dos temas mais recorrentes das narrativas românticas é o amor, o modo como esta temática se estruturou reforçou práticas discursivas que contribuíram para a construção de estereótipos de feminilidade, definindo a mulher segundo esses moldes propostos por outras práticas discursivas, vinculando seu destino à realização amorosa. Podemos observar essas particularidades na personagem Aurélia, do romance Senhora, ela age movida pelo sentimento amoroso exacerbado, evidenciados em suas falas, nas descrições minuciosas feitas pelo autor. É desejo da personagem unir-se ao homem por ela pretendido eternamente, tornando-se parte do homem. "No entanto, devido à preocupação causada pelas massas de jovens mulheres que liam romances sentimentais, sabemos que o amor heterossexual estava sendo escandalosamente exibicionista". (SOMMER, 2004, p.52).

O romance "Senhora" (1875), a personagem Aurélia, reivindica o amor e renúncia a si mesma, elege

o amor como objetivo de sua vida. A construção narrativa tem o amor não só como tema central como traz subjacente certa maneira de idealizar a existência, é visível na obra que a heroína deposita em seu amado toda a sua esperança de felicidade, essa composição da identidade feminina nas narrativas trouxe questionamentos acerca da imagem feminina nas obras canônicas representadas pela concepção do homem e nos ideais de amor e do casamento, as possibilidades oferecidas à mulher se estruturavam basicamente no casamento, conforme discorre (PROENÇA FILHO, 2012, p. 202) "A escola literária romântica traz em sua estética a idealização da mulher, individualismo e subjetivismo, características nacionalistas, exaltação da figura indígena e por fim o romantismo liberal e social". É nas características subjetivistas, individualistas e na idealização da mulher, que percebe-se a mulher perfeita, idealizadas pelos homens.

Os autores utilizavam-se de parâmetros conceituais inscritos na tradição patriarcal do herói buscador e da heroína passiva, nessa condição, a mulher torna-se o outro do herói, construindo sua identidade a partir do masculino e a mulher como objeto buscado.

[..] existe um discurso de amor conjugal "normal', mais obvio e público. Ele deve ter tido um enorme apelo, que alimentou todos os outros discursos. Um apelo que não é exatamente emocional (sem minimizar isso), mas que é sobretudo um apelo legitimador [...] (SOMMER, 1991, p. 52)

Aurélia é idealizada como rainha, heroína romântica, dividida entre o amor e o ódio, o desejo e o desprezo pelo homem amado, devido a sua posição social ser um obstáculo, a decepção amorosa a torna numa mulher vingativa, vale-se do dinheiro para atingir seu objetivo de possuir seu grande amor.

2.1.2 LUCÍOLA

"Lucíola" é uma heroína cortesã, o que foge a idealização romântica do conceito de heroína, em seus romances urbanos, José de Alencar procurou retratar os padrões de comportamento e valores daquela época. O autor percebeu que a sociedade era movida pelo dinheiro e status social que o poder aquisitivo proporcionava, nas obras dessa fase era comum questões de conflito entre o indivíduo e a sociedade gerado muitas vezes pelo preconceito. Este conflito é realçado na própria protagonista que está enraizado, afirmando os preconceitos contra o grupo social ao qual pertencia.

O amor físico e amor espiritual, sobre o qual o romance se estrutura, é característico do da concepção romântica e gera uma série de preconceitos dentro do indivíduo, pois o amor físico era condenado pela sociedade patriarcal, apenas o amor espiritual era aceito, no primeiro momento, o amor entre Paulo e Lúcia ocorre que a relação é fundamentada no amor carnal, não aceito no período, e isso torna um obstáculo para uma união plena entre os dois.

O amor sexual era o tropo do comportamento associativo, das relações de mercado livres, e da Natureza em geral. Caso se quisesse depor, de modo legítimo, as hierarquias tradicionais, a base ideológica teria de mudar; e a base natural, da maneira como foi redefinida, era não apenas a propensão extrínseca da humanidade a adquirir bens matérias, mas também seu desejo socialmente controlável de companhia heterossexual e de uma família. (SOMMER, 1991, p. 53)

Ao longo do romance haverá uma transformação nos personagens pra que possam consumar de fato seu amor, porém Lúcia não consegue o "perdão" completamente, devido ao julgamento social. Lúcia vai se transformando de sensual em mulher angelical, doce e insegura, o que corresponde ao ideal romântico, o dualismo da personagem anjo x demônio é notável no uso de seus nomes: ora chamada

de Lúcia, a mulher fatal, cortesã, ora Maria da Glória, mulher meiga, frágil que corresponde à concepção romântica.

[...] tendiam a banir as sexualidades alternativas e a construir modelos legítimos. Mesmo assim, uma educação erótica – natural ou não – estava oficialmente fora do alcance das mocas, não porque ensinava a perversão, mas porque, evidentemente, fazia com que até mesmo sexo legítimo parecesse divertido (SOMMER, 1991, p. 54)

A obra discute o desenvolver de um relacionamento entre um rapaz da corte e uma prostituta, delimita o papel social desempenhado por uma mulher, apontando o papel subjugado da personagem, o perfil masculino narrador possui a intencionalidade de fazer com que se compadeçam de sua situação de "paixão extrema, acreditando "salvá-la" de uma "maldição".

A arte literária é um meio de comunicação, há uma interação entre leitor e a obra literária, o texto só existe devido ao leitor e a significação que é atribuída a mensagem explícita pelo escritor e a implícita, a ressignificação dada a obra pelo leitor. O autor está inserido em um contexto social e acaba transmitindo para a obra as suas experiências, características da classe social a que pertence, ou seja, as obras literárias não são somente textos de ficção, e sim a combinação e seleção de elementos presentes na realidade, que é repassado para o leitor através da mensagem, o enredo da obra, podendo servir de exemplos, formação, difusão de ideias e concepções, Candido (2006). Dessa forma, desempenha um papel fundamental na criação e difusão de determinados estereotípicos, reflete os anseios construído pela sociedade e cria a dualidade feminina: a moça de "família" e a mulher desvirtuada. A morte da personagem após o nascimento, fruto do amor com Paulo é entendida como castigo, pois o filho foi concebido quando eles ainda não tinham alcançado o "amor espiritual".

2.1.3 DIVA

Ser mulher e burguesa no final do século XIX implica em adaptar-se a vários mandos corporais que implicavam em um dever implícito a civilidade e a natureza, mas essa dependência ocorria de formas diferentes entre a construção do feminino e masculino. A "protagonista" da obra

Diva reconhecia essas diferenças e resistia a alguns mandatos, porém o amor romântico deveria prevalecer como um modelo entre as elites. O romance foi publicado em 1864, a trama ocorre através de cartas escritas entre dois amigos: Augusto e Paulo, o primeiro relata ao amigo a sua paixão por Emília, muito embora a história tenha por título uma mulher, o narrador masculino é o principal e centra seus olhares sobre o fascínio e frustrações em relação à amada.

O sentimento de amor exacerbado, característico da escola romântica, é responsável por caracterizar as obras analisadas, o amor como sendo o incumbido da felicidade eterna. Este modelo de comportamento feminino traduz as expectativas da elite brasileira, o perfil criador das obras foram de direcionar o comportamento, anseios e motivações de mulheres e homens estivessem em conformidade com as perspectivas da sociedade. As narrativas românticas apresentavam muito bem umas das principais características do Romantismo, a intensidade, o amor exacerbado, no fim da obra, Emília faz uma declaração a seu amado como se ele fosse o responsável por sua felicidade eterna, o que reforça o comportamento esperado para a mulher daquela época.

[..] és o motor de minha vida, meu pensamento e minha vontade. És tu que deves pensar e querer por mim... Eu? ... Eu te peço; sou uma cousa tua. Podes conservá-la ou destruí-la; podes fazer dela tua mulher ou tua escrava! ... É o teu direito e o meu destino (...) (ALENCAR, 1864, p. 66)

Inicialmente, Diva é construída para temer a presença masculina, ela não queria ser tocada pelo médico (Augusto), essa atitude era, segundo o pai da jovem, devido a sua educação rigorosa. De acordo com a concepção de Alencar, cabia a literatura romanesca resgatar e ressaltar a aproximação das mulheres à natureza, o objetivo não mais era que associar a pureza e a bondade natural, preservando assim as "moça de família", quando descritas em ambientes de festas, nos salões, essas mantinham-se frias e distantes de seus pretendentes.

2.2 A LITERATURA DE AUTORIA FEMININA: DESMISTIFICAR O CONCEITO "MULHER" REPRESENTADO NAS OBRAS LITERÁRIAS.

Com a vinda da família real para o Brasil, em 1808, a cidade do Rio de Janeiro começou a passar por transformações no seu dia a dia, mudanças que ocasionaram uma inserção mínima da presença das mulheres na sociedade. A figura feminina foi tomando posse de um espaço além do ambiente doméstico, de forma gradativa, por influência da nova demanda de serviços e necessidades que surgiram com a chegada da Corte Real ao Brasil, que passa por transições políticas, econômicas e sociais, consequentemente a cidade e o povo precisa adequar-se ao novo Brasil que de Colônia se torna Império e depois República, Jacome (2008).

A sociedade passa a receber novos comerciantes, estrangeiros e pessoas que desembarcavam através dos portos marítimos, ou seja, estava crescendo economicamente e desenvolvendo novas relações sociais. Durante esse novo processo de mudanças algumas mulheres começam a participar de bailes, cultos em igrejas e festas, porém ainda não tinha garantido o acesso à educação escolar de forma adequada, apenas recebiam instruções voltas para o casamento e o convívio familiar, somente o homem tinha direito à educação, pois era tido como o superior. O sexo feminino não era educado para desenvolver um pensamento crítico, logo a mulher deveria aceitar que a organização da sociedade e as mudanças que estavam ocorrendo era benfeitoria do varonil, dos senhores, e não deveriam questioná-los.

> Agora mesmo, Aurélia, está você me dando razão e mostrando sua instrução. Quem há de dizer que uma menina de sua idade sabe mais de que muitos homens que aprenderam nas academias? E assim é bom; porque senão, com a riqueza que lhe deixou seu avô, sozinha no mundo, por força que havia de ser enganada. (ALENCAR, 1875, p. 05)

A crescente urbanização e a industrialização que as cidades estavam comportando, assim como a abolição da escravatura, interferiram no modelo familiar patriarcalista que vigorava na época, no meio rural as novas mudanças demoraram mais a influenciar a concepção de família do campo. A mulher inicia uma nova vivência, acesso a informações, a circular sozinhas pela cidade, estão mais independentes, apesar de a sociedade ainda manter seus traços conservadores.

A literatura serviu de instrumento para algumas manifestações feministas e na construção da identidade da mulher no final do século XIX, a educação que já estava sendo acessível para algumas mulheres propicia a elas aprender a ler, escrever e integrá-las a sociedade de forma autônoma e crítica, antes o sujeito que possuía o direito ao discurso, os grandes escritores, eram homens brancos e pertencentes geralmente a classe média alta, até que a literacia feminina surge, mesmo que timidamente, e rompe os conceitos da sociedade conservadora de se fazer literatura.

Para Rossini (2014), o feminismo tem como objetivo a transformação da condição de subjugada da mulher, busca romper com os discursos sacralizados pela tradição, as quais a mulher ocupa a sua

revelia um lugar secundário em relação ao lugar pelo homem. A crítica feminina trabalha no sentido de desconstruir a posição homem/mulher, tomando o texto literário como instrumento para os conceitos.

A crítica literária feminista vem questionar e desmistificar o conceito como a mulher é representada dentro de obras literárias escritas por homens, escrevendo obras com novas perspectivas para as personagens femininas proporcionando voz ativa a elas, que antes eram marginalizadas e submissas ao amor pelo varonil, as obras de autoria feminina tem um discurso expressado a partir da visão da mulher, ganhando papel destaque nas obras, voz ativa, narradoras.

Sua identidade é desnudada e revelada, independentes do varonil, donas das suas atitudes, deixando de lado o lugar tradicionalmente reservado a mulher nas suas relações sociais, as personagens nos livros de autoria feminina é representada na sua totalidade, intelectualmente capazes e traz traços das suas experiências, diferentemente da visão masculina. Podemos perceber as mudanças ocorridas da mulher dentro da literatura brasileira ao contrapormos o livro Senhora de autoria masculina e a obra Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres de autoria feminina.

A obra "Senhora" (1875), um romance urbano, temos como personagens principais Aurélia Camargo e Fernando Seixas, que pertencem à classes sociais diferentes, ela pertencia a classe baixa e ele a classe média, mesmo a família de Fernando Seixas estarem vivendo de aparências, pois as finanças da família não iam bem e o casamento dele poderia ser a salvação para manterem-se na elite. Já Aurélia morava com a mãe dona Emília, em uma casa simples e de classe baixa, vivia sob a proteção da sua mãe que via a hora da sua partida se aproximando e a filha se tornando uma bela mulher, como elas moravam apenas na companhia de um homem que era o irmão da menina a sua progenitora via no casamento uma forma de manter Aurélia segura, ou seja, a mulher só estava segura e respeitada ao lado de um homem aquela que constituía sua própria família, seja ele o pai, irmão e depois o marido, a sociedade conservadora não enxergava com bons olhos uma mulher solteira sozinha na comunidade, sem estar sob a guarda de um varonil e muitas vezes a descriminavam.

Não lhe sobrava tempo para chegar à janela; à exceção de algum domingo em que a mãe podia arrastar-se até à igreja à hora da missa e de alguma volta à noite acompanhada pelo irmão, não saía de casa. Esta reclusão afligia a viúva, que muitas vezes lhe dizia:

- Vai para a janela, Aurélia. - Não gosto! respondia a menina. Outras vezes, ante a insistência da mãe, buscava uma desculpa: - Estou acabando este vestido. Emília calava-se, contrariada. Uma tarde porém manifestou todo o seu pensamento.- Tu és tão bonita, Aurélia que muitos moços se te conhecessem haviam de apaixonar-se. Poderias então escolher algum que te agradasse. - Casamento e mortalha no céu se talham, minha mãe, respondia a menina rindo-se para encobrir o rubor. (ALENCAR, 1875, p. 43)

Aurélia Camargo apaixona-se por Fernando Seixas e ficam se encontrando as escondidas, a mocinha quer viver com ele, mas o rapaz acaba deixando a moça por ter recebido uma proposta de casamento de um pai de outra jovem que era mais bem de vida e poderia lhe oferecer um dote maior para casar-se, o dote era oferecido ao pretendente pela família da noiva, vemos o casamento como um comércio favorável a figura masculina, que muitas vezes só aceitava a união depois de receber a oferta do dote e avaliar o valor proposto.

Convencida de que todos os seus inúmeros apaixonados, sem exceção de um, a pretendiam unicamente pela riqueza, Aurélia reagia contra essa afronta, aplicando a esses indivíduos o mesmo estalão. Assim costumava ela indicar o merecimento de cada um dos pretendentes, dando-lhes certo valor monetário. Em linguagem financeira, Aurélia cotava os seus adoradores pelo preço que

razoavelmente poderiam obter no mercado matrimonial. (ALENCAR, 1875, p. 03)

A mocinha sofre com a desilusão amorosa, sua representação na obra é de uma jovem frágil, meiga e apaixonada pelo mocinho que a deixa por outra mulher, com o abandono de Fernando Seixas a jovem muda no decorrer do enredo da obra, de frágil e pobre para uma moça rica, bela e altiva, em busca de vingar-se por ser trocada devido a ela não possuir riqueza para oferecer ao seu amado quando eles estavam tendo um romance. Ela que era pobre recebe uma herança deixada pela família do pai, perde sua mãe, e com o dinheiro começa a frequentar lugares que só tinha a elite, todos admiram a sua beleza e os homens querem ganhar o seu

coração, mas a jovem quer casar com Fernando Seixas e de forma anônima consegue comprar o casamento com o seu amado, mas seus planos são de humilhá-lo e fazê-lo sofrer por ter abandonando ela no passado.

O tempo passa e o mocinho se arrepende pelo que fez a Aurélia e devolve o dinheiro do dote pago por ela, com isso a moça começa a vê-lo com outros olhos e se entrega ao amor que sente pelo mocinho e desisti de fazê-lo sofrer. Percebe-se que no final da história a mulher acaba submissa a figura do homem, mesmo depois de tudo que Aurélia sofreu a jovem se rende aos encantos de Fernando Seixas e fica com ele, apesar dela estar rica, independente financeiramente ela ainda fica dependente do varonil amorosamente e de companhia, ou seja, não se tornou autossuficiente.

- Pois bem, agora ajoelho-me eu a teus pés, Fernando, e suplico-te que aceites meu amor, este amor que nunca deixou de ser teu, ainda quando mais cruelmente ofendia-te. A moça travara das mãos de Seixas e o levara arrebatadamente ao mesmo lugar onde cerca de um ano antes ela infligira ao mancebo ajoelhado a seus pés a cruel afronta. - Aquela que te humilhou, aqui a tens abatida, no mesmo lugar onde ultrajou-te, nas iras de sua paixão. Aqui a tens implorando seu perdão e feliz porque te adora, como o senhor de sua alma. (ALENCAR, 1875, p. 124)

Contrapor as diferenças existentes entre a escrita de autoria masculina com a de autoria feminina ajuda a entender a importancia da mulher se reconhecer nas narrativas literárias Na obra Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres, da escritora Clarice Lispector, temos uma mulher como protagonista da história conhecida pelo nome de Loreley. A jovem trabalha fora como professora primária e conhece um rapaz com nome de Ulisses que também é professor, eles começam a se conhecer e junto vai crescendo um novo sentimento para Lóri, a moça que já havia passado por outros relacionamentos. O pretendente de Lóri a ajuda entender e se sentir livre e pronta para amar e ser amada, somente quando ela estivesse preparada para a relação com ele, que ela deveria procurar e se entregar totalmente, não se trata da virgindade da moça, mas sim de corresponder ao amor que lhe cercava através de uma decisão dela, do seu autoconhecimento, uma metamorfose. Lóri decide procurar Ulisses assim que se sente pronta e vivem o amor.

Ao compararmos com o livro Senhora, as mulheres retratadas em ambas as obras são diferentes, trazem vivências distintas, a personagem Loreley é independente financeiramente, vive na cidade do Rio de Janeiro e sozinha, ou seja, não vivia sob a proteção de um homem ou da família, diferentemente de Aurélia que apenas conheceu o seu marido Fernando Seixas, começa a sentir um amor verdadeiro por Ulisses, e necessitava entender esse novo sentimento de forma a aprender e aceitar. Em Senhora, apesar de Aurélia amar o seu pretendente o relacionamento acontece de uma forma diferente do de Lóri e Ulisses, a mulher não tenha que se descobrir antes de aceitar se entregar ao homem, ela ia vivenciar a entrega ao marido somente depois do casamento.

- Não tenha medo. Em primeiro lugar, do modo como eu queria que você fosse minha, só acontecerá

quando você também quiser desse mesmo modo. E ainda demorará porque você não descobriu o que precisa descobrir. E além do mais, se vier a ser minha desse modo, possivelmente quererá um filho nosso. Porque além de nós nos construirmos, provavelmente vamos querer construir outro ser. Lóri, apesar de minha aparente segurança, também estou trabalhando para ficar pronto para você. Inclusive de hoje em diante, até você ser minha, não terei mais nenhuma mulher na cama." (LISPECTOR, 1969, p. 60)

A mulher autora contribuí para desmistificar os ideias que foram impostos pelas representações e discursos, não como meio de representar a realidade, mas como ferramenta de análise. Expressar sua sensibilidade a partir do seu ponto de vista, com propriedade de si mesma. Nos romances escritos por homens observa-se a fixidez dos papeis da figura feminina, as narrativas baseadas no amor romântico favoreceram a internalizar e naturalizar as descriminações, vendo-se atrás dos olhos masculinos, incorporado e retransmitido a imagem de si, tinham vidas restritas, era criado estereótipos e a mulher dependente socialmente da figura do homem.

3 CONCLUSÃO

Pensar a literatura de autoria feminina refletindo sobre o contexto que impulsionou as mudanças ideológicas na sociedade tanto na forma de ver e tratar a mulher, como sendo a responsável por edificar uma variante de perfis femininos.

O que se evidenciava era um contexto patriarcal e a idealização de uma oposição existente entre homens e mulheres, ampliando a ideia de superioridade, conservadorismo e tradicionalismo, conceitos que servem de base para o padrão dominante que definia o molde das famílias, o tradicionalismo era o conceito aceito pela sociedade, ignorando todas as outras famílias que não seguiam as exigências ou até mesmo a existência de outras.

O movimento feminista trouxe para as mulheres a determinação para buscar o direito à liberdade de expressão, a ter voz ativa e a oportunidade de criar ela mesma seus personagens literários, discutir sua representação na sociedade. As narrações de natureza feminina foi relevante para afetar a legitimidade tradicional da forma como a mulher era representada na literatura canônica, reestruturar através do discurso nas obras de autoria feminina a identidade da mulher, retirando-as das normas tradicionais estipuladas pelo patriarcado.

A mulher escritora pode nas suas obras falar com propriedade e experiência sobre a sua identidade, o que ela vivencia no seu íntimo e nas relações sociais, fala como mulher, diferentemente dos escritores homens que falam da mulher, pela sua interpretação de gênero, segregando o sexo feminino ao que seu pensamento e opinião se resumia. José de Alencar cria vários perfis de mulheres, mas através da sua visão, sua experiência de homem pertencente a classe média, branca, dominadora, dona do direito ao discurso e intelectualmente conhecidos.

Podemos perceber que a literatura e a história são instrumentos de pesquisa para o estudo da nossa realidade, a partir de ambos pode-se demonstrar o caminho percorrido pelas mulheres, de musas idealizadas a sua história de luta, de busca e coragem a conseguir direitos igualitários, independência, mudanças sociais que permitissem a elas uma maior inserção na sociedade e nas relações interpessoais.

A arte literária é uma manifestação cultural e artística que serve como meio de resistência e denuncia de como pessoas são colocadas em situação de subordinação por uma minoria dominadora, não só mulheres, mas pessoas pobres, negras, crianças, homossexuais, etc. Com as mudanças na literatura e o surgimento de novos autores que antes viviam na condição de dominados, como as mulheres, muitos começaram a buscar o seu espaço na sociedade, melhores condições de sobrevivência, com a

literatura de autoria feminina as mulheres passaram a mostrar as diversidades existentes no mundo feminino, identidades plurais, e que mereciam mais espaço na economia, política, e na sociedade em geral, mesmo com muitas conquistas algumas escritoras não conseguiram adquirir sucesso, suas obras foram menos publicadas, lidas, viveram no anonimato, receberam poucas premiações literárias, ou seja, a sociedade ainda é resistente a ler obras criadas por mulheres, ainda existe a necessidade de dar mais espaços a mulheres, direitos igualitários não apenas no discurso e sim na prática.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Neuma. **Gênero e ciência humanas:** desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres. 2ª. ed. tempos. 1997.

ALENCAR, José de. **Lucíola**. 12ª ed., São Paulo: Ática, 1988.

_____, José de. **Senhora**. 2ª. ed. B. L. Garnier, 1875. <http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_ Acesso em: 04 mar. 2020.

_____, José de. **Diva**. 2ª ed. Rio de Janeiro: B. L. <http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/diva.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2020.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

JACOME, Mirele Carolina Werneque; PAGOTO, Cristian. **Cultura patriarcal e representação da mulh** Ideação, v 11, n. 1, 2008. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/4936>. A

LISPECTOR, Clarice. **Uma aprendizagem ou livro dos prazeres**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, <http://lelivros.love/book/baixar-livro-uma-aprendizagem-ou-o-livro-dos-prazeres-clarice-lispector-em-pdf-ep Acesso em: 21 mar. 2020

PROENÇA FILHO, Domício. **Estilos de época na literatura**. 20ª. ed. São Paulo: Prumo, 2012.

ROSSINI, Tayza Cristina Nogueira. **A construção do feminino na literatura: representando a diferença** Brazilian Studies, v. 3, n. 1, p. 288-312, 2014. Disponível em: <https://www.rchunitau.com.br/index.php/rc em: 08 nov. 2019.

SOMMER, Doris. **Ficções de fundação: os romances nacionais da América Latina**. 1 ed. Belo horizonte: E